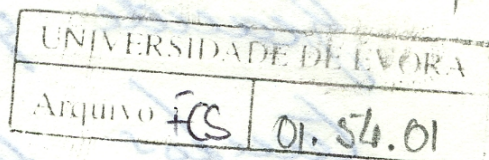


Geneva, 7/4

Caro Seixas



Nesta selva europeia
como justamente dizes, a única
coisa que nos faz esquecer a maldade
que existe entre os homens, é
uma simples carta escrita por
um amigo suíço. Não
imaginas a alegria que me dá
quando recebo e leio notícias
tuas, amigos como romos de
longa data, lembro-me ~~me~~ ainda
dos tempos do teu VAUXALL, e
lembro ainda esses tempos a
melancolia chega até mim;
saudades de uma vida pura,
numa terra pacífica onde todo

2 a malta fazia parte de uma só
grande família. Augosto dos
tempos da minha mocidade,
dosquels rips encontros de
basquete que não mais poderei
esquecer. Hoje, como hoje,
prefiro a Selva Europeia, onde
os seus habitantes parecem
polvos, com tentáculos sempre
prontos a agarrar e presa.

Infelizmente questo
mondo cane e assim mesmo,
e por vezes até os bons, sem
darem por ello, começam a actuar
como os maus, levados por
uma força sobrenatural... Eu
tenho feito os possíveis para

3 me comportar como sempre fui;
e as vezes noto, principalmente
no ambiente de trabalho, que
sou levado a comportar-me como
todos, ou quasi todos. Isto é,
a perigoista, unipso etc..

Quando dou por isto, fico tal-
mente aborrecido que nada calculo,
e recuo, pulento de novo o meu
caracter verdadeiro e tudo se torna
normal.

Compreendo perfeitamente
o que dizes nas tuas cartas e habi-
tuado como estou agora, sei
que nada poderei suportar a vida
em Portugal; certas coisas
são fundamentais para a vida
de um homem e se todos

4 tivessem um pouco ^{menos} de:

não faço porque parece mal, tenho
a impressão que o mundo daria uma
grande volta. Para mim a vida
deve ser vivida com filosofia,
como um, a ser com natural-
dade. Por exemplo não consigo
compreender estas coisas que a
igreja proíbe, ~~mas~~ entre
dois pecos diferentes. Não
consigo compreender este
atacamente que existe nos países
latinos, de miquidade, que a gente
começa lentamente a desaparecer.
Aprecio com todo o carinho
simpático a mentalidade dos
povos nórdicos, onde a mulher
atingiu um grau igual

5

01.54.01

ao homem sem perder
a sua feminilidade.

Fui passar uma
semana a MACONAGA, que fica
perto da fronteira Suíça. Ali
diverti-me bastante, esquiando
e fazendo todos os dias, pois
fui sozinho. Gostava que vissemos
aquelas casetas características
feitas em madeira, e noite reu-
niamos todos e fazíamos e
bebíamos até às tantas. Como
Manuel, o que me lixe a mim, é
em casado, porque casado, com o
carácter que tenho e com o
ordenado que faço, me punha

6/ estaria parado em lado
nenhum; gosto da vida extravagante,
fazer coisas anormais, que a oficial,
não existe nada de anormal neste
mundo, aprecio a vida dos exis-
tencialistas e douo tudo para voltar
atrás. Mas o meu destino foi
tracado assim e não me posso
lamentar, pois felizmente tenho
feito coisas que se eu fosse comum
muito em Luanda, não as teria
feito. Saber que a morte em
Luanda, habituada a quella vida
pacífica, torna-se por vezes perigosa
e para eles tudo é impossível, não
sabendo que basta apenas um
pouco de força de vontade para
se vencer uns bichos,

71 e preferiu fazer aqueles vides
passados quasi sempre nas expla-
nadas a beber cerveja, do que
aspirar a um futuro onde
a vida que é tão curta, possa
oferecer outras satisfações.

Apesar de estar bem
aqui em Gernon, eu tenho
a impressão que ainda não
fiquei por aqui, é um pres-
sentimento... Porém, nada
me fará abandonar o tacho que
tenho que me é garantido para
toda a vida, e não sei que
me se deparasse uma coisa
que realmente valesse a pena.

Enfim, se tivesse
possibilidade de ter uma

8) Converse contigo, estarei a
falar por muitas horas, pois
dego te sinceramente que gosto
imenso de te escrever, porque
aprecio a tua inteligência e
contigo só tenho a aprender.

Este verão vou também
passar uns dias a ilha de
Midiots em França ao pé de
STROPEZ.

Ciao, escreve
sempre

Seu amigo

António

P.S.: Se quizeres escrever
a respeito de qualquer
carta, escreve a FERMO POSTA
GENOVA

PER VIA AEREA

Mod. 24-R bis

01.54-01

for
10,14



Signor
Luzeiro Seixas
Estrada da Ameigoeira
Lote 4 - 3º Sto. - ao Lumiar
Lisboa
532-C
Portogallo

Prof. J. Barros
Aim. Almeida
10/4/65
397

